



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES

Curso de Psicologia

**A lógica neoliberal, a constituição do desejo e o adoecimento psíquico na atualidade**

Fabiana Cardoso Martins de Souza

Brasília

Junho de 2024



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB  
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES  
Curso de Psicologia

**A lógica neoliberal, a constituição do desejo e o adoecimento psíquico na atualidade**

Fabiana Cardoso Martins de Souza

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES) do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) como requisito à conclusão do curso de psicologia.

Professora-orientadora: Me. Livia Campos e Silva

Brasília

Junho de 2024

**Fabiana Cardoso Martins de Souza**

**A lógica neoliberal, a constituição do desejo e o adoecimento psíquico na atualidade**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências, Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, no curso de Psicologia.

Professora-orientadora: Me. Livia Campos e Silva

Brasília, 22 de junho de 2024

Banca examinadora

---

**Me. Livia Campos e Silva**

**(Presidente - Orientadora)**

---

**Dr. Juliano Moreira Lagoas**

**(Parecerista)**

---

**Psicol. Ana Carolina Menezes**

**(Convidado)**

## Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço às minhas psicoterapeutas e analistas, do passado e de agora, Susana Zaniolo, Penha Oliveira e Verônica Sabino, que me inspiraram para que eu escolhesse trilhar o caminho da Psicologia e da Psicanálise. Não tenho dúvidas que minha escolha se deu, em grande parte, pelo apaixonante trabalho de vocês.

Agradeço a todos os professores do curso de Psicologia do CEUB pela dedicação e esforços, particularmente, à Lívia, ao Juliano e ao Guilherme, por fazerem com que eu me interessasse ainda mais pelo mundo da Psicanálise. Me senti muitas vezes privilegiada por assistir às suas aulas e compartilhar do conhecimento de vocês.

Agradeço aos colegas da minha turma de origem, do segundo semestre noturno de 2018, na figura da Elaine e do Murilo, pelos momentos de convivência e amizade, ainda que relativamente poucos devido a tantos outros compromissos. E agradeço também aos colegas das várias outras turmas que me acolheram ao longo desses anos.

Agradeço ainda aos participantes da minha pesquisa, em especial aos que se dispuseram a participar da fase de entrevistas. Muito obrigada por compartilharem as histórias de vocês, foi uma honra poder ouvi-los.

Agradeço, por fim, ao meu esposo, Danilo, pelo estímulo e apoio nesses seis anos, por ter segurado as pontas em casa, à noite, enquanto eu estava nas aulas, e nos finais de semana que precisei me dedicar aos estudos. Você fez com que eu não desistisse. Também agradeço às minhas filhas, Julia, Carolina e Anna, por compreenderem que passei quase a metade de suas vidas me ausentando para poder concluir uma segunda graduação. Espero que um dia eu sirva de inspiração para vocês, para que nunca deixem de desejar e de buscar o que desejam. Obrigado Danilo e meninas pela paciência e por terem compreendido minhas ausências. Amo vocês.

## Resumo

Em face das estimativas alarmantes da população acometida por transtornos mentais, em particular a depressão, e considerando-se essa doença o mal-estar da contemporaneidade, esta pesquisa se estrutura a partir da tentativa de compreender as dinâmicas psíquicas implicadas nos processos de adoecimento e suas relações com o contexto social, político e econômico da atualidade. Trata-se, nesse sentido, de investigar os impactos do modelo neoliberal nos processos de subjetivação, na constituição dos desejos e no adoecimento psíquico dos sujeitos na atualidade. A partir da análise de discurso de três indivíduos, foi possível identificar e compreender o funcionamento do modelo de racionalidade neoliberal na prática, sobretudo, verificando como este internaliza princípios empresariais e molda as subjetividades para que o sujeito funcione a favor do capital, seja estimulando o aumento da produtividade pela autoexploração, para alcance de maiores ganhos para a empresa, seja pela busca incessante do gozo através do consumo, ou pela proliferação do uso de medicações aos sujeitos menos adaptados. A análise permitiu, em última instância, verificar como, no neoliberalismo, o depressivo recua de seu desejo e se sujeita aos desígnios do Outro, e como isso traz implicações para o seu adoecimento.

**Palavras-chave:** neoliberalismo; desejo; depressão.

## **Abstract**

In view of the alarming estimates of the population affected by mental disorders, in particular depression, and considering this disease to be the malaise of contemporary times, this research is structured based on an attempt to understand the psychic dynamics involved in the processes of illness and their consequences to the current social, political and economic context. In this sense, it is about investigating the impacts of the neoliberal model on the processes of subjectivation, the constitution of desires and psychic illness of subjects today. From the discourse analysis of three individuals, it was possible to identify and understand the functioning of the neoliberal rationality model in practice, above all, verifying how it internalizes business principles and shapes subjectivities so that the subject works in favor of capital, whether by stimulating increased productivity through self-exploitation, to achieve greater gains for the company, whether through the incessant search for enjoyment through consumption, or through the proliferation of the use of medications for less adapted subjects. The analysis ultimately allowed us to verify how, in neoliberalism, depressive people retreat from their desire and subject themselves to the designs of the Other, and how this has implications for their illness.

**Keywords:** neoliberalism; desire; depression.

## Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1: Neoliberalismo, Desejo e Depressão.....	6
1.1 Neoliberalismo, transformação das subjetividades e condições para o adoecimento.....	6
1.2 Mal-estar e civilização.....	9
1.3 Desejo e Depressão.....	12
Capítulo 2: Método.....	16
Capítulo 3: Resultados e discussão.....	20
Considerações finais.....	36
Referências.....	41
Anexos.....	44

## Introdução

Um relatório da Organização Mundial da Saúde – OMS (2022) apontou que, em 2019, 970 milhões de pessoas em todo o mundo sofriam com algum transtorno mental, sendo que, desses, cerca de 580 milhões apresentavam transtornos depressivos e/ou de ansiedade. Além disso, após o primeiro ano da pandemia de COVID-19, a depressão e a ansiedade teriam aumentado mais de 25%. A OMS já havia divulgado alguns anos antes que a depressão figurava como um dos principais motivos de “incapacidade” no mundo e indicou o Brasil como o segundo país do continente americano com maior percentual da população acometida por transtornos depressivos, com 5,8%, após os Estados Unidos, com 5,9% (OMS, 2017).

Para a OMS (2013, 2022), dentre os determinantes da saúde mental estão incluídos não apenas atributos individuais, como a capacidade de gerenciar pensamentos, emoções, comportamentos e interações com os outros, mas também fatores como desigualdades sociais e econômicas, emergências de saúde pública, guerras, crises climáticas, proteção social, padrões de vida e condições de trabalho.

Sob uma perspectiva psicopatológica, pautada no modelo médico-centrado, embora o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-V (APA, 2014) não relacione a depressão a nenhuma causa biológica específica, o déficit de certas substâncias no cérebro é apontado como uma de suas principais causas (Dunker, 2021; Corbanezi, 2018). Dentre os sintomas mais comuns do Transtorno Depressivo Maior, caso clássico entre os Transtornos Depressivos<sup>1</sup> listados, estão humor deprimido, diminuição do interesse ou prazer em todas ou quase todas as atividades, insônia, fadiga ou perda de energia, sentimentos de inutilidade,

---

<sup>1</sup> De acordo com o DSM-V, os transtornos depressivos incluem transtorno disruptivo da desregulação do humor, transtorno depressivo maior, transtorno depressivo persistente (distímia), transtorno disfórico pré-menstrual, transtorno depressivo induzido por substância, transtorno depressivo devido a outra condição médica, outro transtorno depressivo especificado e transtorno depressivo não especificado (APA, 2014).

capacidade diminuída para pensar ou se concentrar, pensamentos recorrentes de morte ou ideação suicida (APA, 2014).

Apesar de marcadores biológicos não estarem claros, o uso de medicamentos para equilibrar os neurotransmissores, como antidepressivos, tem sido uma das ações terapêuticas mais utilizadas para enfrentar o transtorno. Afirmar-se, porém, que o suposto déficit de neurotransmissores também estaria relacionado, de alguma forma, a lutos, traumas e falta de reconhecimento. Numa visão psicanalítica, a depressão pode, ainda, ser motivada por uma vida sem grande satisfação, um trabalho desinteressante, ou a coisificação de uma existência da qual o desejo se evadiu (Dunker, 2021).

No que toca à psicanálise, é de particular interesse para este trabalho a visão lacaniana sobre como a depressão relaciona-se ao desejo. Assim, é a discussão da depressão a partir de uma perspectiva psicanalítica, a sua relação com o contexto social neoliberal e, em especial, as implicações desse contexto sobre o desejo que serão objeto desta monografia.

Cambaúva e Silva Junior (2005), ao analisarem a crescente onda de depressão no mundo contemporâneo, consideram que o contexto socioeconômico da atualidade influenciado pela ideologia neoliberal pode favorecer o surgimento de doenças psíquicas como a depressão. Para os autores, embora o sistema neoliberal não crie a doença (ou outros tipos de adoecimentos psíquicos), ele propicia seu afloramento, ao fornecer condições para que o indivíduo seja acometido pelo transtorno (Cambaúva & Silva Junior, 2005).

De fato, contextos históricos e sociais não podem ser ignorados na constituição de subjetividades e mesmo na compreensão do surgimento de patologias. Freud (1908/2015) já argumentava que quadros psicopatológicos estavam relacionados à modernidade, ao modo como o capitalismo e a repressão sexual operavam na sociedade da época.

Para além disso, em “O mal-estar na civilização”, o teórico explora como o incômodo do sujeito deriva de um mal-estar provocado pelas tensões entre o Eu, o Id e o Supereu, a

partir da inserção do indivíduo na cultura, de modo que é possível supor que o fenômeno ultrapasse o contexto de uma única época, sendo inerente ao próprio processo civilizatório: “Parece fora de dúvida que não nos sentimos bem em nossa atual civilização, mas é difícil julgar se, e em que medida, os homens de épocas anteriores sentiram-se mais felizes, e que papel desempenharam nisto suas condições culturais” (Freud, 1930/2010, p.47).

Assim, seja em virtude da lógica e funcionamento de contextos sócio-históricos em que o sujeito está inserido, seja em virtude das tensões provocadas em seu aparelho psíquico pela contraposição entre interno e externo, entre desejos individuais e imposições e valores de uma vida em sociedade, parece claro que a compreensão da depressão e de outros transtornos contemporâneos passa, inevitavelmente, pelo entendimento das complexidades da sociedade em que o sujeito se situa. Pretende-se, portanto, neste trabalho, discutir as possíveis implicações do contexto neoliberal e da adequação ou não do sujeito a esse modelo e, em última instância, suas implicações na formação, busca e abandono dos desejos.

Importante notar que, se até recentemente o neoliberalismo era compreendido apenas como uma ideologia política e econômica, atualmente, tem sido apontado como uma racionalidade política global, ou uma “nova razão do mundo”, que abarca não apenas o sistema político-econômico, mas a totalidade da vida do indivíduo, impactando particularmente sua subjetividade e psiquismo (Dardot & Laval, 2016). Difere-se do liberalismo clássico porque significou, para além da diminuição de intervenção do Estado na atividade econômica, muito mais intervenção na regulação do contexto social e na estrutura psíquica dos indivíduos, com o objetivo de despolitizar a sociedade e proliferar as ideias de liberdade, desempenho e empreendedorismo (Safatle, 2021).

Segundo Dardot e Laval (2016, p.7), o conceito de neoliberalismo ultrapassa uma ideologia ou política econômica ao ampliar sua influência ao mundo inteiro, “estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida”. Pauta as condutas

humanas pela concorrência e pelo modelo de empresa. E sob o discurso dos princípios de liberdade individual, aliado a técnicas modernas de gestão, leva o sujeito a acreditar que é movido por seu próprio interesse, fazendo-o buscar níveis cada vez mais altos de desempenho, realização e sucesso, a trabalhar para a empresa como se trabalhasse para si, por desejo unicamente seu (Dardot & Laval, 2016). Diante disso, parece essencial investigar a respeito da constituição do desejo sob a perspectiva psicanalítica na contemporaneidade, sobre como esse processo tem sido afetado pela racionalidade neoliberal e qual a relação do fenômeno com o aumento da depressão e dos sofrimentos psíquicos na sociedade atual.

A partir de uma visão lacaniana, Quinet (2002) aponta que o tristonho (deprimido) não se orienta por seu desejo inconsciente, tendo sua vida comandada pelo Supereu. Mas como essa concepção de tristeza e depressão sob a ótica do desejo se comunica com as depressões da atualidade? Como o neoliberalismo tem interferido no destino e nos extravios dos desejos? Como a busca pela satisfação desses desejos, que se confundem às vezes com o do capital ou com o do Outro, pode levar ao adoecimento?

Para responder a essas perguntas, o presente trabalho tem como objetivo investigar os impactos do modelo neoliberal nos processos de subjetivação, na constituição do desejo, e no adoecimento psíquico dos sujeitos na atualidade. Para tanto, procurou, em primeiro lugar, contextualizar historicamente o neoliberalismo como forma de vida e, em seguida, analisar as implicações do neoliberalismo no campo do desejo, abordando a depressão como mal-estar contemporâneo.

Nesse sentido, esta monografia propõe-se a investigar e alcançar uma maior compreensão da depressão, não como uma estrutura clínica, mas como um sintoma da sociedade contemporânea, derivado do aprofundamento de um sistema capitalista neoliberal que traz implicações a todas as dimensões da vida, com impactos à subjetividade e ao desejo do sujeito. Considera-se que o entendimento das dinâmicas presentes na formação do desejo

na atualidade e sua relação com o adoecimento psíquico são essenciais para instrumentalizar a clínica psicanalítica, assim como o próprio desenvolvimento da psicanálise.

Considerando-se a depressão como um sintoma do atual contexto, a discussão proposta soma-se à crítica ao neoliberalismo, ao questionar a normalização de um modo de vida adoecedor, bem como a culpabilização dos sujeitos que não se adequam ao sistema e à consequente proliferação de tratamentos medicamentosos que tendem a refletir a individualização do problema. Importante observar que a hegemonia de terapias medicamentosas e interpretação do sofrimento do sujeito apenas como tendo causalidade interna pode alterar a própria experiência do sofrimento, concorrendo para aumentá-lo (Safatle, 2021).

O tema também vem ao encontro de interesses e razões particulares. Como sujeito inserido no sistema neoliberal, tenho me visto com dificuldade de identificar meus desejos, de saber discernir se são genuinamente meus ou introjetados por uma cultura que prega, a um só tempo, o aumento do desempenho e da produtividade, o consumismo, e o alcance da realização e da felicidade quase como norma. Para além disso, ao final, tem sido desafiador como sujeito desta cultura constatar que “meus” desejos, quando alcançados, nem sempre me trazem satisfação.

## Capítulo 1: Neoliberalismo, Desejo e Depressão

### 1.1 Neoliberalismo, transformação das subjetividades e condições para o adoecimento

O neoliberalismo como regime político e econômico nasceu nos principais países capitalistas como uma reação contra o intervencionismo do Estado de bem-estar social, ao final da II Guerra Mundial, tendo a obra de Friedrich Hayek sua principal fonte ideológica. Ganhou força em resposta à crise e às altas taxas de inflação que assolaram as economias desenvolvidas nos anos 70 (Anderson, 1995). Como ideologia, opunha-se ao comunismo e ao fascismo e retomou os pressupostos do liberalismo clássico que tiveram protagonismo no mundo capitalista até a crise de 1929. Assim, em contraposição às práticas protecionistas e de bem-estar social, principalmente relacionadas ao discurso desenvolvimentista keynesiano, teve como algumas de suas principais implicações as políticas econômicas mais austeras, a proteção à propriedade privada, promoção da livre-concorrência, além da flexibilização e precarização das relações trabalhistas (Fechine et al, 2014).

Para os pensadores do neoliberalismo, cada indivíduo deve lutar para atingir seus próprios objetivos, contando apenas consigo mesmo. Como auto-suficiente, o homem não necessitaria da proteção do Estado (Cambaúva & Silva Junior, 2005). Além disso, indivíduos que não dispõem de qualidades exigidas pelos ideais da cultura neoliberal, são marginalizados e culpabilizados por sua condição, por não possuírem as capacidades de auto-suficiência requeridas pelo modelo (Cambaúva & Silva Junior, 2005).

Para Safatle (2021), ao promover a destruição conceitual e prática de tudo que é coletivo, o neoliberalismo como regime político e econômico implicou uma fragmentação do tecido social, produzindo capital humano e indivíduos isolados. Seus valores morais concorrem para desvincular o sujeito do pacto social, o que é sentido em todas as esferas, tais como trabalho, educação e saúde. Significou, com isso, a despolitização da sociedade para

que pudesse reinar o discurso da liberdade como a livre-iniciativa e o empreendedorismo, reduzindo os espaços para discussões e questionamentos sobre as implicações de tal noção de liberdade (Safatle, 2021).

Assim, se até recentemente o neoliberalismo era compreendido apenas como uma ideologia política e econômica, em que se valoriza a liberdade dos mercados, a flexibilização das leis trabalhistas, a diminuição do poder de sindicatos e uma atuação do Estado limitada ao seu papel regulador, atualmente, esse regime tem sido apontado como uma nova racionalidade política global, que alcança a totalidade da vida do indivíduo (Dardot & Laval, 2016). A premissa dos autores é a de que o neoliberalismo é mais do que um projeto de expansão do capital e de atualização do liberalismo, trata-se de uma “nova razão de mundo”. O neoliberalismo assim entendido moldaria a subjetividade do indivíduo de modo que esta passa a funcionar sob uma lógica empresarial, pela qual é preciso produzir e ser bem sucedido em todas as esferas da vida (Dardot & Laval, 2016).

Safatle (2021), similarmente, aponta que no neoliberalismo opera "um profundo trabalho de design psicológico (...) visando a produção de um tipo de relação a si, aos outros e ao mundo" (p.30) que seria orientado por generalizações e internalização psicológica de princípios empresariais como desempenho, investimento, lucratividade e posicionamento. Nesse sentido, seria possível administrar o sofrimento psíquico de modo a beneficiar o próprio sistema. No campo do trabalho, por exemplo, isso se dá aproveitando-se o tanto quanto possível o sofrimento do trabalhador, seja extraindo mais cansaço com o mínimo de risco de processos trabalhistas, seja alcançando maior engajamento com a mínima reciprocidade da empresa.

Ao abordar o modelo neoliberal como gestor do sofrimento psíquico e não apenas sob a ótica socioeconômica, Safatle (2021) propõe que ele tanto gera como gerencia o sofrimento. O autor diz não ser por acaso que a ascensão do neoliberalismo ocorre paralelamente a

reformulações da gramática de transtornos através do DSM, e na mesma época em que se dá a hegemonia da depressão e marginalização da discussão sobre as neuroses no campo dos adoecimentos. Tampouco seria coincidência que a clínica tradicional de tratamento de doenças fosse substituída por terapias que exploram o uso de medicamentos não apenas para tratar transtornos mentais, mas, também, para potencializar o desempenho dos indivíduos no trabalho.

Argumenta-se, ainda, que o neoliberalismo diferencia-se do liberalismo clássico porque compreendeu que os princípios de liberdade de mercado, empreendedorismo e competitividade não “brotariam” espontaneamente nos indivíduos e, nesse aspecto, considera-se haver muito mais intervenção do Estado no neoliberalismo do que se supunha. Essa intervenção, porém, não seria pela atividade econômica, mas pela configuração social e psíquica dos indivíduos, uma vez que para que o princípio de liberdade pregado não fosse questionado era preciso despolitizar a sociedade:

Como dirá décadas depois Margareth Tacher: “Economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma”. E essa mudança dos corações e mentes teria de ser feita através de doses maciças de intervenção e reeducação. Isso até o momento em que os indivíduos começassem a ver a si mesmos como “empreendedores de si”, isso até o momento em que eles internalizassem a racionalidade econômica como a única forma de racionalidade possível (Safatle, 2021, p.24).

Analisando a possível gênese do sujeito neoliberal, Safatle (2021) recorre aos conceitos e teóricos do utilitarismo, assinalando a preferência do sujeito por ganhos e acumulação de fortuna em contraposição ao prazer. Ou seja, “o sacrifício do prazer presente para assegurar um prazer maior futuro” (Franco et al., 2021, p. 51). Mais adiante, confirma que o neoliberalismo pressupõe esse sujeito, que age segundo a lógica capitalista, “movido pelo interesse, pela utilidade, pela satisfação, que se traduz nas formulações teóricas em

termos matemáticos” (Franco et al., 2021, p. 66). Surgem, então, questionamentos sobre como essas novas formas de subjetivação impactam o psiquismo, desejos e saúde mental do sujeito.

O processo de adoecimento psíquico do sujeito na sociedade neoliberal é de particular interesse para Han (2017), para quem as patologias do neoliberalismo são decorrentes de um excesso de trabalho e desempenho promovido por um processo de autoexploração bastante eficaz, e em níveis muito superiores aos da exploração do trabalho na sociedade disciplinar anterior, principalmente, por vir atrelada ao sentimento de “liberdade” próprio do neoliberalismo.

Para Han (2017), ao se organizar em torno de valores como liberdade e autonomia, a sociedade do desempenho desvincula-se da negatividade das proibições, mandamentos e ordens do Outro, não se submetendo ao trabalho compulsório ou à obediência; “ao contrário, ele ouve a si mesmo” (Han, 2017, p. 83). Ao fazê-lo, porém, não deixa de se submeter a uma nova forma de coação, ainda que escamoteada pelo “falso” brilho da liberdade e da emancipação.

Han (2017) aponta a depressão, a Síndrome de *Burnout*, o déficit de atenção (TDAH) como enfermidades centrais do século XXI, caracterizando-se, segundo o autor, por serem doenças psíquicas decorrentes de uma auto agressão, isto é, da autoexploração observada na sociedade do desempenho, na sociedade neoliberal. O sujeito é "auto coagido" a produzir cada vez mais, a se superar sempre, em uma busca constante de um eu-ideal, até o esgotamento.

## **1.2 Mal-estar e civilização**

À luz do que sugere Freud (1930/2010), pode-se ponderar que o mal-estar do sujeito na cultura não é um fenômeno novo e que as angústias e incômodos do indivíduo, ainda que

interpretadas como de natureza distintas, hoje e no passado, são inerentes ao processo de inserção do homem em sociedade.

Em “O Mal-Estar na Civilização”, Freud (1930/2010) discorre sobre a angústia que sentem os homens como consequência de viverem em sociedade e como o princípio da realidade se impõe ao princípio do prazer, em decorrência da civilização. Para Freud (1930/2010), muito embora o homem se beneficie da vida em comunidade, e esta lhe traga satisfação por fatores como o amor, a proteção e outros ganhos decorrentes das relações sociais, o alcance da felicidade é limitado: “(...) o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe, em prol de seus ideais culturais, e conclui-se então que, se estas exigências fossem abolidas ou bem atenuadas, isto significa um retorno a possibilidades de felicidade” (Freud, 1930/2010, p. 45).

Propõe, assim, que o sofrimento, denominado por ele como sentimento de culpa, seja inerente ao fato de o indivíduo estar inserido na cultura, portanto, independente da época. Segundo o autor, “o preço do progresso cultural é a perda de felicidade, pelo acréscimo de sentimento de culpa” (Freud, 1930/2010, p. 106).

A fonte do mal-estar, ou desse sentimento de culpa, estaria, para Freud (1930/2010), na “renúncia ao instinto”, ou às pulsões do Id, como resultado do medo do Supereu - instância psíquica que representa nossa consciência e que vigia, segundo o autor, os atos e intenções do Eu. O mal-estar resultaria, então, por um lado, da "percepção que tem o Eu de ser vigiado, a apreciação entre seus esforços e as exigências do Supereu” (Freud, 1930/2010, p. 109). Por outro lado, o mal-estar resulta da própria renúncia pulsional. O Supereu é introjetado no indivíduo, inicialmente, pela família, quando criança, pela interiorização de regras e repressão dos desejos. Quando adulto, esse papel é cumprido pela sociedade, através das instituições e suas normas, moral e costumes.

Argumenta-se que o mal-estar na atualidade, na sociedade neoliberal, diferencia-se do mal-estar provocado pelo superego coercitivo descrito por Freud (1930/2010) em “O mal estar na civilização”, proibidor dos desejos do Id. O “superego pós-moderno”, derivado da estrutura social atual promotora do consumo (para dar vazão à produção capitalista e permitir a reprodução desse sistema), impõe o gozo e a busca pela felicidade a todo custo - o que concorre para gerar culpa e mal-estar naqueles que não conseguem gozar na medida do que é ofertado (Périco & Justo, 2011).

Para Périco e Justo (2011), porém, na atualidade, a histeria e a neurose obsessiva descritas por Freud como consequência desse processo de inserção na cultura dá lugar às depressões, síndromes do pânico, distúrbios psicossomáticos e compulsões diversas. Segundo os autores, forjado pelo neoliberalismo, o Superego pós-moderno reflete uma cultura do narcisismo e de um sujeito “mergulhado na busca desenfreada pelo prazer a todo custo” (Périco & Justo, 2011, p.152).

Portanto, segundo essa visão, se no passado o mal-estar, o “sentimento de culpa” descrito por Freud, derivava do impedimento ao gozo imposto pelos valores da cultura, e da culpa por gozar ainda que em pensamento, contrariando o Superego, na atualidade, haveria um “imperativo ao gozo”, isto é, a busca desenfreada pelo ter (consumista) e pelo ser (narcisista), sendo o mal-estar decorrente do fato de não se conseguir gozar na medida do que é ofertado.

Como bem aponta Dardot e Laval (2016), o sujeito neoliberal é pressionado a produzir “sempre mais” e a gozar “sempre mais”. Nessa dinâmica, “o gozo se tornou um imperativo” (Dardot & Laval, 2016, pp. 355-356). Em consonância com o que Safatle (2021) descreveu como profundo trabalho de design psicológico, os autores então sugerem que um cruzamento entre o discurso “psi” e o discurso “econômico” propiciou a racionalização gerencial do desejo que, em última instância, permite que os interesses e desejos individuais se identifiquem com as aspirações de excelência do capital (Dardot & Laval, 2016).

Birman (2021), em “O mal estar na atualidade”, procura circunscrever o mal-estar a partir da indagação sobre os destinos do desejo, já que esses permitiriam captar o que se passa nas subjetividades: “O rastreamento de alguns destes destinos nos possibilita uma leitura acurada das subjetividades. Com isso, podemos nos aproximar do que há de sofrimento nas novas formas de subjetivação da atualidade, circunscrevendo então o campo do mal-estar contemporâneo” (Birman, 2021, p. 16).

### **1.3 Desejo e Depressão**

A ideia de que a depressão deriva do abandono do desejo pelo sujeito é uma concepção lacaniana. Para Lacan, o desejo é a essência do homem, vinculado ao pensamento inconsciente e que consiste em fundamento ético da psicanálise, sendo a tristeza qualificada como uma “covardia moral”, já que se trata de um recuo do sujeito frente ao dever ético de “bem-dizer” o desejo (Quinet, 2002): “dupla falta moral, pois, na tristeza, o sujeito, além de ferir a ética do bem-dizer, também cede de seu desejo”, o que teria como consequência o sentimento de culpa e o comando da vida pelo Supereu (Lacan 1959-60, citado em Quinet, 2002).

Dessa forma, Quinet (2002, p. 09) aponta que “o tristonho é aquele que não se orienta no inconsciente e cujo desejo se encontra extraviado”, sendo a tristeza um afeto que demonstra que o sujeito não estaria orientado por seu desejo inconsciente. Mas como essa concepção de tristeza e depressão sob a ótica do desejo se comunica com as depressões na atualidade? E como o modelo neoliberal concorre para levar o sujeito a se distanciar de seu desejo inconsciente trazendo como consequência o processo de adoecimento psíquico?

Para Han (2017), estamos cada vez mais nos afastando da sociedade disciplinar em que Freud desenvolveu suas teorias sobre o inconsciente. Segundo o autor, a sociedade do desempenho se desvincula da negatividade das proibições e remetem, na verdade, a um excesso de positividade, de modo que o adoecimento psíquico não seria derivado de

processos repressivos, mas ao “poder-tudo”, às possibilidades ilimitadas. Han (2017) chega a questionar, inclusive, o papel da psicanálise como tratamento para processos depressivos que, segundo ele, não teriam relação com a dimensão do Outro, mas com um desgaste do sujeito consigo mesmo.

Partindo da hipótese de que a depressão, como sintoma da contemporaneidade, ocupa o lugar equivalente à melancolia no passado, Kehl (2009), por sua vez, propõe uma linha de raciocínio distinta da de Han (2017). Com base no pensamento de Lacan, a autora traça uma analogia entre as condições que se encontram na origem do crescimento de ambos transtornos nas diferentes épocas, e considera a depressão uma herdeira da melancolia enquanto indício do mal-estar social. Para a autora, tanto na melancolia quanto na depressão, a “perda do lugar do sujeito junto à versão imaginária do Outro” está presente. O depressivo da atualidade constitui a exceção entre aqueles que se consideram adaptados às exigências da sociedade contemporânea, como a exigência da própria felicidade, por exemplo:<sup>2</sup> “O depressivo é incapaz de corresponder aos desígnios do Outro nas sociedades regidas pelo imperativo da felicidade, da predisposição permanente a divertir-se e a gozar” (Kehl, 2009).

Para Kehl (2009), os depressivos se sentem culpados por não corresponderem aos ideais contemporâneos de bem-estar e felicidade. Afirma que “o lugar imaginário do Outro, na vida social, é ocupado por figuras de autoridade - moral, religiosa, política, ou às vezes, puramente ficcional - que emitem enunciados capazes de simular respostas ao enigma do “que o Outro quer de mim”? (Kehl, 2009, p. 31). No caso da sociedade neoliberal, que exige desempenho, euforia e produtividade, as manifestações de adoecimento, como a depressão, são então pouco toleradas, dando lugar, por um lado, a falsas imagens de felicidade que, segundo a autora, não deixam de ser em “obediência aos desígnios do Outro” (Kehl, 2009, p. 31). A autora ainda reforça que a demanda do Outro coincide com os mandatos primitivos do

---

<sup>2</sup> Além da predominância dos imperativos de gozo comuns na sociedade neoliberal, a autora trata também de outros condicionantes da depressão na atualidade, tais como o aumento da velocidade na regulação social do tempo, perda do valor da experiência, fragilidade das referências identificatórias, entre outros (Kehl, 2009).

Supereu e que em troca de abrir mão de seu desejo haveria uma oferta imaginária de gozo, sendo a angústia o preço a se pagar por essa suposta supressão da falta.

Esse argumento está em linha ao apontado também por Almeida (2002), segundo a qual há para aqueles que não se adequam à pauta do mais-de-gozar, uma forma de preencher a falta:

(...) a oferta do discurso capitalista estabelece a crença de que há tal objeto.

Observamos então sujeitos movidos pela mais-valia - aparentemente em uma posição de comandar o mais de gozar - tornarem-se comandados e invadidos por este, em uma situação tal que eles tanto consomem como são consumidos (Almeida, 2002, p. 120).

O preenchimento dessa falta por esse “mais de gozar” pode-se dar não apenas através do consumo, ou do uso de medicações e drogas, mas mesmo pela tentativa de engrandecimento da própria imagem e promoção narcísica do eu que ocorre no atual contexto.

Kehl (2009, p.31) aponta que, hoje, simples manifestações de tristeza são patologizadas e mesmo medicadas, pois a sociedade vê a tristeza como uma anormalidade, uma “deformidade”. Há uma demanda para que se esteja (ou demonstre estar) sempre feliz ou com a “saúde mental em dia”. Nesse sentido, os deprimidos incomodam, porque sinalizam o mal-estar na sociedade neoliberal e, dessa forma, são impostos questionamentos a esse modelo, a essa forma de vida.

Birman (2021) remete às discussões teóricas de Lasch e Debord para sugerir que as novas formas de subjetivação da contemporaneidade guardam relação com a “cultura do narcisismo” e com uma “sociedade do espetáculo” - conceitos discutidos, respectivamente, pelos referidos autores. Para Birman (2021, p. 25), “os destinos do desejo assumem, pois, uma direção marcadamente excibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas”. O autor reforça

reiteradamente em sua obra que o sujeito vive ao mesmo tempo um autocentramento exagerado e apego ao valor da exterioridade em que o Outro lhe interessa para engrandecer a própria imagem.

Assim como Kehl (2009), Birman (2021) pondera que a sociedade do espetáculo não admite sofredores e desesperados. Para isso, inclusive, há uma indústria da evitação do sofrimento promovida tanto pela medicina como pelo narcotráfico, através do uso de drogas igualmente pesadas. Para o autor, a “inflação do eu” e a “estetização da existência” é o que interessa na atualidade, potencializado em grande medida pelas relações digitalizadas.

É em meio a essa dinâmica de vida na sociedade neoliberal, entre as auto exigências de desempenho, produtividade, consumo e uma vida bem sucedida e feliz, que o sujeito se insere, tenta se adequar ou adocece. É em meio a essa dinâmica que o depressivo cede de seu desejo inconsciente na concepção lacaniana, submetendo-se aos desígnios e desejos do Outro, e que no caso da sociedade neoliberal confunde-se com a exigência de ser produtivo, bem sucedido e feliz.

## Capítulo 2: Método

Em face dos objetivos da presente monografia, o método escolhido para a realização do estudo foi o qualitativo. O método qualitativo exige uma maior imersão do pesquisador em seu ambiente de estudo, se comparado ao método quantitativo. Assim, pode-se dizer que possui como principal benefício o fato de trazer maior detalhamento sobre situações, pessoas e objetos estudados (Sampieri et al., 2013; Stake, 2011). O instrumento de coleta de dados não é totalmente padronizado ou pré-determinado, consistindo no levantamento de perspectivas dos participantes de forma bastante subjetiva (Sampieri et al., 2013). Além disso, a pesquisa qualitativa tem como fundamento a perspectiva interpretativa, no caso tanto do participante (em relação à percepção dos fatos), como do pesquisador, em relação às informações levantadas e observadas, o que concorre para tornar o mundo mais visível, mais perceptível.

O desenvolvimento da presente pesquisa qualitativa se deu a partir da estratégia da "análise psicanalítica de discurso". Para Gregolin (1995, p. 20), realizar a Análise de Discurso é buscar compreender e explicar como o sentido de determinado texto se constroi, “e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu”. Assim, entende-se que a Análise de Discurso é extremamente valiosa ao permitir a reflexão sobre como se estrutura e dá sentido a um texto.

Orlandi (2005) destaca que, para a análise de discurso ocorrer, é necessário o estabelecimento mínimo de uma capacidade de leitura que se encontra entre a Linguística e as Ciências Sociais. Mais ainda, para colocar-se no papel de analista, é preciso compreender que a relação com a linguagem não é inocente, uma vez que é através da ideologia que se dá a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo, é através dela que se reúne o sujeito com o sentido.

E é nesse entrelaçamento entre linguagem e ideologia que se sustenta a Análise de Discurso concebida por filósofos, psicanalistas e linguistas (Ferreira, 2005). Como observa Ferreira (2005), não é possível adentrar o sujeito a não ser pela “porta da linguagem”. Portanto, ao se propor uma temática tão atravessada pela questão sócio-histórica como a discussão sobre neoliberalismo e adoecimento, não há outro método mais apropriado do que aquele que associa filosofia, psicanálise e linguística.

A partir da estratégia de “análise psicanalítica de discurso”, esta monografia contempla: (i) a escuta dos sujeitos, e (ii) a transformação do material em “texto” – considerado aqui como discurso (Orlandi, 2015). Desse modo, a proposta foi, em última instância, elaborar um objeto interpretativo, como “colocar o dito em relação ao não dito (...) procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (Orlandi, 2005, p. 59).

### **Procedimentos de coleta do material**

Inicialmente, o projeto de monografia foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do UniCeub, dada a importância do cumprimento das diretrizes éticas em estudos que envolvem a participação de seres humanos. Assim, pretendeu-se mitigar os potenciais riscos inerentes à execução de pesquisas com seres humanos.

Após a aprovação, o procedimento de construção do material desenvolveu-se em três etapas. A primeira etapa consistiu na revisão e atualização bibliográfica da literatura psicanalítica e das ciências humanas e sociais no que diz respeito aos conceitos fundamentais sobre os quais a temática do projeto se apoia, particularmente, no tocante aos conceitos de neoliberalismo, desejo e depressão. Na segunda etapa, procedeu-se a divulgação de um link para um formulário elaborado na plataforma Google Forms, em grupos de whatsapp, constituído por: (i) um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em formato digital (Anexo A) e (ii) um questionário (Anexo B). A amostra consistiu em 11 participantes

maiores de 18 (dezoito) anos que se reconheciam em situação de sofrimento psíquico no momento em que responderam a pesquisa.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em formato digital consistiu em um documento para a segurança ética dos respondentes do questionário, no qual estavam explícitos a temática da pesquisa e os seus direitos como participante, conforme preconizado nas Resoluções CNS nº 466 de 2012 e 510 de 2016.

Já o questionário foi constituído por questões sociodemográficas (idade, gênero, renda, raça, orientação sexual etc.) e por questões relacionadas ao sofrimento psíquico decorrente da inserção do sujeito em uma sociedade neoliberal, tal como a entendemos a partir das discussões dos autores pesquisados neste estudo. O questionário foi enviado como formulário da plataforma Google, via grupos de whatsapp, precedido de um TCLE lido e aceito pelo participante. Ao final do formulário, o participante devia informar se tinha interesse em participar de uma entrevista, para coleta de dados com maior nível de detalhe, cujo roteiro se encontra no Anexo C.

Das onze pessoas que responderam ao formulário no processo de recrutamento para as entrevistas, todas se dispuseram a participar da terceira etapa, porém, apenas duas foram selecionadas. A escolha dos entrevistados se deu de acordo com os sintomas e diagnósticos indicados no questionário aplicado e por terem apresentado sinais de maior sofrimento psíquico. As conversas, com duração aproximada de 1 hora e meia, foram gravadas e em seguida transcritas. Uma das entrevistas ocorreu de forma presencial, em sala fechada nas dependências do CEUB, e a outra ocorreu remotamente.

Faz-se oportuno informar que, além do material coletado a partir das etapas descritas acima, utilizou-se, também, material coletado durante a realização da Disciplina “Estágio Básico II”, no segundo semestre de 2022, objeto do Relatório Final da referida disciplina sob o título “A lógica neoliberal e suas implicações para a saúde mental em contextos de

trabalho”, cujo objetivo era analisar os impactos do modelo neoliberal de produtividade nos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico de trabalhadores. Considera-se que o trabalho, como dimensão importante da vida do sujeito, tem sido uma das principais fontes de descontentamento e adoecimento psíquico na atualidade, de modo que se considerou que os achados da referida pesquisa cabiam no escopo mais abrangente da presente Monografia. Esclarece-se que, à época, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do UniCeub e, posteriormente, aprovado. Os procedimentos de coleta de material foram similares aos da atual pesquisa e o questionário aplicado em formato de formulário do Google Forms para a seleção de participantes da entrevista e o roteiro da entrevista referentes àquele estudo encontram-se nos Anexos D e E, respectivamente.

Na ocasião da pesquisa para recrutamento de participantes que subsidiou o Relatório Final da disciplina de Estágio II, 27 pessoas responderam o formulário, mas apenas um dos contactados à época confirmou disponibilidade para participar da entrevista. Os respondentes da pesquisa para a elaboração do referido Relatório eram todos trabalhadores maiores de 18 (dezoito) anos. A entrevista, de duração aproximada de 1 hora e meia, ocorreu de forma remota.

### **Procedimentos de análise do material**

Para a análise do material coletado através do questionário online e da transcrição das conversas individuais, procurou-se adotar os seguintes procedimentos: (i) identificação das posições subjetivas dos participantes no discurso; (ii) localização de pontos de interrupção da fala, atos falhos, esquecimentos, repetições, paráfrases, metáforas e metonímias; (iii) revelação dos mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos; e (iv) levantamento de hipóteses sobre os não-ditos presentes nas falas dos entrevistados.

### Capítulo 3 - Resultados e Discussão

As informações coletadas nas entrevistas foram analisadas à luz do objetivo da presente pesquisa, qual seja: investigar os impactos do modelo neoliberal nos processos de subjetivação, na constituição do desejo, e no adoecimento psíquico dos sujeitos na atualidade.

Com o objetivo de garantir o sigilo de identidade dos participantes, seus verdadeiros nomes foram preservados sendo substituídos por outros, de modo que o participante 1 foi identificado como Bruno, o participante 2 como João, e o participante 3 como Marcelo, este último entrevistado em 2022, na ocasião da pesquisa realizada para a disciplina de Estágio II. A seguir, são apresentados os principais pontos de seus relatos, acompanhados pelas análises do discurso de cada um deles, à luz dos procedimentos supramencionados.

#### **Bruno**

Na etapa de recrutamento desta pesquisa, Bruno respondeu ao questionário enviado por grupos de whatsapp informando ser do sexo masculino, ter entre 31 e 40 anos, possuir nível superior incompleto, carga horária semanal acima de 50 horas (estudos e trabalho) e renda familiar entre 4 e 12 mil reais. Indicou não se considerar uma pessoa feliz e ter se sentido triste, desanimado e sem esperanças com frequência nos últimos 12 meses. Informou sair pouco e não ver os amigos e pessoas que gosta. Selecionou as seguintes condições psíquicas como aplicáveis a ele no último ano: falta de atenção e concentração, alterações de memória, sentimento de solidão, sentimento de insuficiência, baixa autoestima, dificuldade de auto-aceitação, desânimo, ansiedade, insônia e depressão. Selecionou, ainda, de uma lista de condições comportamentais aplicáveis a ele nesse mesmo período, os seguintes comportamentos: ideação suicida, tendência ao isolamento, perda de interesse em atividades que antes traziam prazer. Relatou não ter recebido até aquele momento nenhum diagnóstico quanto a sua saúde mental, nem fazer uso de medicação, mas acredita ter sintomas relacionados à depressão e à ansiedade.

Ao longo da entrevista, Bruno relatou estar um pouco melhor do que quando havia respondido ao questionário. Explicou que nesse meio tempo procurou um psicólogo e uma psiquiatra, a qual havia receitado o uso de dois medicamentos: Velija, estabilizador de humor, e Conserta, para melhorar sua atenção. Esclareceu que estava com problemas em todos os núcleos de sua vida e que uma das grandes queixas que tinha, tanto na vida pessoal quanto no trabalho, é que ele era “um pouco esquecido das coisas”:

E é tanta coisa o tempo inteiro... tenho dois telefones e um deles eu tenho dois whatsapps, então tenho três whatsapps ao mesmo tempo para gerenciar, e eu gerencio toda a parte financeira de três empresas. Além disso, tem a faculdade, um filho de um ano e 11 meses, a minha esposa, então eu fico recebendo muita mensagem o tempo inteiro e isso acabava que colaborava com algo que eu já assumo mesmo... que era esquecido de natureza.

Bruno esclareceu que nos últimos meses teve problemas em seu casamento e uma das queixas de sua esposa era a falta de atenção dele, o que fazia ele esquecer de compromissos e acabava sobrecarregando-a. Em certo momento, isso fez com que ela sugerisse a separação, o que foi um “gatilho”, em suas palavras, para que ele tivesse uma crise de pânico.

O discurso de Bruno traz elementos que denunciam a forma de vida neoliberal descrita no primeiro capítulo desta monografia, principalmente a partir das ideias de Dardot e Laval (2016), Han (2017) e Safatle (2021). A demanda por produtividade e desempenho toma conta da vida toda, no trabalho e na vida pessoal, e exige do sujeito “atenção plena”. Bruno tem uma carga horária acima de 50 horas, gerencia três empresas e tem três whatsapps. As consequências dessa sobrecarga para a sua saúde mental são imputadas apenas a ele, e a suas supostas características pessoais: Bruno não tem atenção, Bruno é “esquecido de natureza”, esquece seus compromissos e compromete seus relacionamentos, Bruno se sente insuficiente,

com baixa auto-estima, ansiedade e depressão. Bruno tem crises de pânico e ideações suicidas. A psiquiatra receita medicamentos para TDAH e transtorno depressivo.

De acordo com o discurso médico-centrado, com o uso de medicamentos, espera-se que Bruno seja capaz de gerenciar melhor suas emoções e sofrimento, focar nos seus compromissos pessoais e profissionais, melhorar o desempenho no trabalho ou ao menos continuar capaz de produzir. Como visto, a dinâmica acima retrata a ideia de gerenciamento do sofrimento psíquico pelo modelo neoliberal descrita por Safatle (2021), em que o adoecimento não é apenas produzido, mas gerido pelo neoliberalismo. Vale chamar atenção para as implicações de se imputar apenas causalidade interna ao adoecimento de Bruno, o que, na visão de Safatle (2021), condiciona a própria experiência de sofrimento.

Bruno explicou que já havia se sentido assim no passado, há uns dez anos, também em um momento em que era muito demandado no trabalho e havia terminado um relacionamento amoroso:

Foi a primeira vez que eu fiquei realmente depressivo. Eu fui afastado pelo INSS por crises de pânico. Toda vez que entrava no prédio tinha falta de ar, tinha vontade de desmaiar. (...) Tinha uma diretora geral no meu trabalho lá do banco que ela falava abertamente, em todos os corredores, que quem entrasse, que ela ia fazer da vida o *inferno*. (...) aí eu era muito idealista, então eu queria entrar para poder fazer a diferença dentro da empresa. E ela realmente fez da minha vida um inferno.

Ao descrever seu emprego atual, no qual se sente sobrecarregado e com um salário que julga não ser condizente com o que faz, Bruno aponta situações que refletem como o trabalho tem sequestrado seu tempo fora do horário de expediente, aos fins de semana, impactando em seus momentos de lazer e junto à família, além de ser fonte de muita ansiedade.

Então, assim, por eu ser PJ, e eu sou bom, então eu recebo demanda sábado, domingo, depois das 22h... Ele (o chefe) diz: “Ah, não, estou botando aqui no grupo só para ficar registrado, depois você pode resolver”... Sendo que aí é uma questão minha também... Aí, eu já fico ansioso, se eu não começar fazer hoje, se eu não adiantar, eu não vou conseguir. Então, acabo que fico dividido para a família (...)

As experiências profissionais de Bruno são ilustrativas de como o modelo neoliberal molda as subjetividades para explorar e engajar o sujeito, conforme discutido por Dardot e Laval (2016) e Safatle (2021). Reflete também como o neoliberalismo envolve o sujeito em um processo de autoexploração que o leva ao esgotamento, por ser auto coagido a produzir cada vez mais, inclusive, antecipando-se às demandas, como discutido em Han (2017). Se, de um lado, isso exprime bem o que Safatle (2023, p. 10) definiu por extração do “o máximo de cansaço com o mínimo risco jurídico, o máximo de engajamento no projeto com o mínimo de fidelização recíproca da empresa”, por outro, reflete o que Han (2017) apontou como uma auto exploração para poder se superar sempre, em uma busca constante de um eu-ideal.

Além disso, no discurso de Bruno, quando ele manifesta “e eu sou bom”, é como se dissesse que sua chefia demanda dele porque ele é “bom”, isto é, atende bem às demandas da empresa. De certa forma, é possível supor que, por ele acreditar ser “bom”, ele pensa não poder decepcionar e precisa atender adequadamente à solicitação mesmo que fora do horário de expediente. O desejo de ser “bom” também aparece no discurso de Bruno quando se refere ao seu emprego no Banco, na ocasião de sua primeira crise de pânico: seu ideal de “fazer a diferença” no trabalho o fez desejar a vaga mesmo sabendo que teria uma chefia abusiva, que faria de sua vida “o inferno”, o que somado a questões pessoais levou-o de fato ao adoecimento.

É importante registrar que os relatos de Bruno sobre como se deu seu processo de adoecimento permitem constatar que não se tratou apenas de consequências de um modelo

que visa o aumento da produtividade e lucro pela exploração do trabalhador, como já era próprio do capitalismo. No caso do capitalismo neoliberal, como discutido por Safatle (2021), houve também uma reconfiguração das subjetividades. Desejar ser produtivo, ser bem capacitado ou apresentar cada vez maior desempenho é parte de um “profundo trabalho de design psicológico” que faz com que o sujeito neoliberal internalize princípios empresariais de performance, e cuja falha em segui-los poderia significar uma “falta moral” na sociedade contemporânea (Safatle, 2021).

Com o intuito de abordar no discurso de Bruno as discussões tecidas por Birman (2000) e Kehl (2015), sobre a influência de uma cultura narcísica e exibicionista no destino dos desejos do sujeito neoliberal, procurou-se questionar o entrevistado sobre a realização e conteúdo de suas postagens em redes sociais e se ele se incomodava com as postagens de outras pessoas. Bruno disse não utilizar muito (redes sociais), mas que as postagens de algumas pessoas lhe incomodavam. Relatou ter uma amiga que já trabalhou com ele no passado e que agora está sendo muito bem sucedida, consegue ter momentos de lazer, está feliz e tem uma boa relação com o trabalho. Ao ser questionado se isso (o fato dela postar e parecer ser bem sucedida) o incomodava, respondeu que o que incomoda não é o fato dela ter conseguido, mas dele não ter alcançado isso.

Me incomoda no sentido não dela ter, mas que é possível. E eu não consegui fazer isso. E a Bruna (nome fictício da esposa) diz: “Se você soubesse um pouco mais de rede social...”. Aí eu, tipo assim, se eu fizer isso, eu vou me matar. É uma possibilidade de melhora, mas vai totalmente contra o que eu penso... É porque deve estar muito contando os valores das coisas que eu acredito na vida. Então, tipo assim, é possibilidade de melhorar, mas vai totalmente contra.

Entende-se que nesse trecho do discurso de Bruno é possível constatar o argumento de Kehl (2015), de que o depressivo se sente culpado por não corresponder aos ideais

contemporâneos de felicidade. Diante da sociedade do espetáculo, em que todos querem se exibir, mesmo que em falsas imagens de felicidade e bem-estar, o depressivo, aquele que não se adequa ao modelo, sente culpa, por isso se incomoda diante da felicidade e sucesso exibido pelo outro, mesmo que aquele não seja de fato o seu desejo inconsciente.

Ao ser questionado sobre a relação que mantinha com o trabalho, Bruno disse não ter uma relação saudável, mas que não tinha opção. Viu a mãe passar por muitas dificuldades na sua infância e por isso precisou começar a trabalhar aos dezesseis anos. Quanto à vida acadêmica, esclareceu que o curso (Psicologia) havia sido uma escolha que fez já mais velho, após adentrar o mundo do trabalho, e vê nele uma possibilidade de mudança, de ressignificar sua vida. Gosta de ajudar as pessoas e disse que o que mais o motiva é querer um mundo melhor e poder promover o bem.

Pelo seu relato, parece ter muitos conflitos com a esposa porque ela julga assumir mais responsabilidades financeiras em relação ao filho do que ele, uma vez que já é formada, tem uma boa posição na empresa em que trabalha e ele não. Embora não dito explicitamente por Bruno, foi possível perceber que há certa insatisfação da esposa com sua posição no mercado de trabalho. Como já passou fome, ele diz se preocupar menos que ela com a compra de bens supérfluos (na visão dele), como condicionador, por exemplo:

Daí cheguei pra ela e disse: “Sabe o que está acontecendo? A gente está tendo um problema de valores”.

### **João**

João informou ser do sexo masculino, ter entre 26 e 30 anos, possuir ensino superior incompleto, carga horária semanal de até 30 horas (estudos e trabalho), e renda familiar entre 12 e 25 mil reais. Não se considera feliz e está pouco satisfeito com a vida. Informou que sua vida é uma bagunça e que nem sabe direito o que quer para si mesmo. Nos últimos 12 meses,

sentiu-se triste com frequência, sente-se estranho e sem coragem para se expressar.

Selecionou as seguintes condições psíquicas como aplicáveis a ele no último ano: falta de atenção e concentração, alterações de memória, sentimento de solidão, impaciência, sentimento de insuficiência, baixa auto-estima, dificuldade de auto-aceitação, desânimo, desconfiança, paranoia, ansiedade e insônia. Selecionou, também, de uma lista de condições comportamentais aplicáveis a ele nesse mesmo período, os seguintes comportamentos: irritabilidade, aumento do consumo de substâncias psicoativas, comportamento de alto risco, ideação suicida, tendência ao isolamento, perda de interesse em atividades que antes traziam prazer. Por último, informou já ter recebido diagnóstico relativo a sua saúde mental de um psiquiatra e fazer uso de medicação, mas o médico não concluiu entre os transtornos borderline, bipolar ou mesmo psicose. Acredita ter sintomas relacionados à depressão (ou ansiedade), como ansiedade social, dificuldades de socialização, humor rebaixado ou deprimido.

Na entrevista, João apresentou mais informações sobre como se encontrava na ocasião em que respondeu ao formulário. Relatou que tinha saído há pouco tempo de um emprego numa empresa de RH que, apesar de garantir uma renda razoável, não vinha lhe trazendo satisfação, por ter um “estilo de trabalho” que ele não gostava.

Eu sentia que politicamente eu tava exercendo um lugar antiético, em alguma medida, ofertando uns empregos horríveis para pessoas desesperadas, que aceitavam e depois de três meses saíam, e isso era vantajoso para a empresa porque abria outro processo seletivo.

Segundo João, apesar do fato de sair da empresa ter trazido certo alívio e permitir que ele se dedicasse mais ao seu último semestre do curso de Psicologia, isso também lhe trazia muita insegurança, fazendo-o ter sentimentos de menos valia e autocrítica:

Um vagabundo adolescente, porque eu não trabalho, não ganho dinheiro (...) e foi inclusive nesse lugar que tava quando eu respondi (a pesquisa), de me sentir muito vagabundo (...), tipo “você não é nada mano, você é um merda, olha bem para isso tudo, você faz tudo meio que nos desenrasca”.

Quando questionado se seus pais o pressionavam para trabalhar e ganhar o próprio dinheiro, ou se era mais uma autocobrança, ele respondeu que não havia uma pressão sobre aquilo exatamente, mas o discurso dos pais na infância e adolescência sempre foi para que ele não dependesse deles, que ele tinha que correr atrás para conquistar as coisas na vida, que não podia esperar nada deles. Em seu discurso, há autocobrança nesse sentido:

Eu tenho que ter o meu lugar, eu tenho que ter meu trampo para ter meu lugar, para pagar minhas contas, para conseguir fazer tudo que eu preciso, para poder comprar os produtos que eu quero, viajar para os lugares onde eu desejo (...) se não for eu, ninguém vai fazer, eu vou ter que fazer, e aí eu coloco essa pressão em mim.

Esclareceu que não se considerava feliz porque não teve aquilo que mais sonhou, que acreditou que seria o caminho mais interessante para ele: “esse sonho era muito de ser músico, assim, eu tinha um sonho muito forte de ir para música, dentro de uma caminhada artística, de me tornar realmente artista, viajar pela arte, conhecer artistas de outros lugares”.

Sobre o que o levou a abandonar esse sonho, ele disse que poderia citar diversas situações traumáticas da infância, mas que teve uma situação específica em casa: quando ele falou que queria ser músico, foi rechaçado, e acabou abandonando:

E aí, quando eu deixei esse sonho de lado, e fui cada vez me distanciando mais, de tempo em tempo me bate, assim, uma depressão mesmo, um lugar bem deprimido de olhar a vida sem muita coisa, de pensar que eu me sujeitei ao sistema, ao modo operante do capitalismo, de que tenho que ter minha casa, meu dinheiro, minhas coisas, meu carro, por enquanto.

A partir do material colhido na entrevista de João, é possível afirmar que o participante apresenta um discurso bastante crítico e consciente sobre o contexto neoliberal e suas implicações. Não obstante, como sujeito inserido nessa cultura e sociedade, também sofre as consequências das influências e dos ideais do modelo em sua subjetividade e saúde psíquica. Uma vez que o neoliberalismo atua para moldar o sujeito para que aja como a empresa, produzindo e se posicionando no mercado, e repudie a falha em alcançar o sucesso, aqueles que não se adequam ao discurso, além de ser culpabilizados e marginalizados por sua condição, não deixam de se sentir culpados e deprimidos (Cambaúva & Silva Junior, 2005; Dardot & Laval, 2016; Safatle 2021; Kehl, 2009). Em sua criação, João foi educado para ser alguém na vida e não depender de seus pais. Ao ver que isso ainda não se concretizou e que, em sua percepção, não tem feito muito para alcançar essa posição desejada pela família, tem sua autoestima abalada, sentindo-se inútil e “vagabundo”.

Interessante notar sobre como a questão do desejo aparece no discurso de João. Ele confessou que ser músico era um desejo antigo, mas que ao manifestá-lo para sua família, foi rechaçado. Embora o participante não tenha dito, fica claro que João viver de música não estava nos planos dos pais, servidores públicos, que demonstravam ser tão preocupados com uma vida minimamente estável e independente para o filho. Esse era o discurso. E João criou então outros desejos, como viajar, comprar um carro, ter sua própria casa. Mas João sentia uma angústia, uma vida vazia, quando olhava para o sonho que “teve” de ceder. Isso ilustra a discussão sobre o recuo do desejo pelo depressivo, e está em linha com o argumento de Almeida (2002) e Péricles e Justo (2011) de que o sujeito procura preencher a falta com o gozo de outro objeto, e o capitalismo é mestre em oferecer tal objeto. Condiz também com o que Kehl (2009) aponta sobre a vida ser comandada pelo supereu, pela demanda do Outro, ao abrir mão do próprio desejo em troca de uma oferta imaginária de gozo que tem a angústia e o adoecimento como algumas das implicações.

O discurso de João permite, em última instância, verificar o processo de adoecimento ocorrer por ao menos duas vias: i) pelo recuo do próprio desejo e; ii) pelo fato de não se adequar ao sistema, o que concorre para diminuir sua autoestima, e ainda assim se ver sujeitando-se ao modelo.

É oportuno chamar atenção para o fato de que, antes de participar da entrevista, João estava em um emprego que não lhe trazia satisfação, tanto por demandar muito do seu tempo e comprometer seus estudos, como por considerá-lo divergente de seus valores. Pode-se dizer, portanto, que essa era também uma outra via de adoecimento para João. Embora não tenha expressado claramente que o trabalho lhe adoecia, ele afirmou ter se sentido aliviado ao sair da empresa.

### **Marcelo**

Esclarece-se que Marcelo foi um dos participantes selecionados para a fase de entrevista pois indicou no questionário do Google Forms que apresentava sintomas físicos (distúrbios do sono e espasmos musculares), psíquicos (impaciência, desânimo, depressão, aumento da sensibilidade auditiva) e comportamentais (incapacidade de relaxar, perda de interesse pelo trabalho) característicos de adoecimentos psíquicos, além de informar ter sido diagnosticado com a Síndrome de Burnout.

De acordo com as informações prestadas pelo participante ao formulário, este encontra-se na faixa etária de 41 a 50 anos, possui pós-graduação, trabalha até 50 horas semanais, recebe entre 10 e 20 salários mínimos, é autônomo e proprietário de empresa, e encontra-se muito insatisfeito com seu trabalho atual. Marcelo reside na cidade de São Paulo, tem uma namorada, mas cada um mora em seu próprio apartamento. Relatou ser o mais novo de três irmãos e ter uma boa relação com seus pais.

Durante a entrevista, Marcelo explicou que atua na prestação de serviços de tecnologia, sendo contratado como PJ (pessoa jurídica), que era uma condição sua para

continuar na empresa, por entender que os ganhos financeiros eram maiores do que se fosse contratado como celetista, mesmo não tendo direito a férias remuneradas ou décimo terceiro salário:

Porque eu sou PJ, eu recebo o dinheiro na mão, não vai para imposto, né? (...) o que tem é que todo mundo tem férias remuneradas. Eu não, eu vou tirar férias, ou fazer curso, viagem, mas vou ficar sem receber, (...) se eu dependesse de CLT, eu não ia conseguir comprar o que eu tenho.

Marcelo descreveu seu trabalho como muito estressante, desgastante e até mesmo *chato*, mas, segundo ele, esta foi a opção que ele viu para ganhar dinheiro quando precisou voltar ao mercado de trabalho, após não ter sido bem sucedido em um negócio próprio, nos primeiros anos de carreira:

Então, é *bem bem* estressante, mas, assim, sempre foi muito *chato* o meu trabalho... Quando eu voltei para o mercado de trabalho, eu tinha 31 anos e eu ganhava 1.500 reais... quanto mais eu pesquisava em carreiras, menos eu via a opção de recuperar o tempo que gastei, e eu falava “eu preciso ganhar dinheiro”.

Analisando-se o discurso de Marcelo à luz dos autores discutidos neste trabalho como Dardot e Laval (2016), Han (2017) e Safatle (2021), é possível observar fortes características de um sujeito tipicamente neoliberal, que age segundo a lógica capitalista: empreendedor, movido por valores de liberdade e autonomia, pelo ganho e pela acumulação de bens, abrindo mão de certos benefícios trabalhistas por um prazer maior no futuro. Revela bem a flexibilização das relações de trabalho propagadas pelo neoliberalismo e descritas em Safatle (2021), em que a empresa não assume o ônus do descanso do trabalhador. Interessante como o entrevistado utiliza repetições para enfatizar o que pensa sobre seu trabalho e como isso dá o contorno do que sua atividade tem significado em sua vida.

Quando questionado sobre sua rotina, Marcelo explicou que, normalmente, é contratado para trabalhar por oito horas por dia, mas, na prática, acaba precisando trabalhar mais do que isso, caso contrário não consegue entregar no prazo em que é solicitado. Revelou que, com isso, em certo período de sua vida chegou a trabalhar 370 horas por mês. Esclareceu, também, que às vezes trabalha aos fins de semana e, não raro, no período noturno, sem necessariamente receber por isso, já que é contratado por oito horas por dia apenas:

Eu chegava às 8h da manhã e saía às 10h da noite, ou à meia noite, sei lá. Só que das 8h às 17h, eu ficava em reunião. (...) o que acontece, depois que todo mundo vai embora, é o horário que eu começo a trabalhar.

Como visto, nessas passagens resta clara a lógica do modelo neoliberal. Se, por um lado, há a flexibilização das relações trabalhistas, que supostamente “emancipam” e “elevam” o trabalhador à categoria de “empreendedor”, há, por outro lado, a precarização do trabalho. Assim como o discurso de Bruno, no relato de Marcelo também está presente a dinâmica neoliberal denunciada por Safatle (2021), sobre como se extrai mais cansaço com o mínimo de risco jurídico. Assim, aumenta-se a produção a um menor custo para a empresa, e ainda eliminam-se riscos de eventuais litígios trabalhistas, como aqueles por adoecimento do trabalhador, por exemplo. Ao mesmo tempo, no discurso de Marcelo estão presentes também os conceitos de auto agressão e autoexploração de que trata Han (2017). Marcelo não deixa de ser “auto coagido” a trabalhar cada vez mais, trabalhando para a empresa como se trabalhasse para si. Afinal, não é a empresa que “exige” que ele trabalhe além das 8h por dia para as quais foi contratado. Ao contrário, a empresa se exime disso e desloca essa decisão para Marcelo, ainda que ele questione a factibilidade de se entregar o serviço no prazo.

Tem coisa que eu falo assim, “eu não vou conseguir entregar em 8 horas, não adianta vocês pagarem 8h”. E o diretor fala assim, “eu não entendo porque que está com essa

cara de preocupado” (...) E eu olhava o tamanho do *dinossauro*. Eu falava: “cara, esse negócio não vai ter fim, é um *demônio* que os caras colocaram para a gente fazer, não vai dar nesse prazo, não vai ter como entregar (...)” E o cara fala: ‘Ah não, é uma *formiguinha* e você já tá vendo o *elefante*? (...) você tá estressado à toa’.

Não obstante, a autoexploração não se dá sem sofrimento. O uso de figuras de linguagem como “demônio” e “dinossauro” para expressar o tamanho do problema diante do qual Marcelo se encontra em seu trabalho permite supor o tipo e grau de sofrimento (Ex: medo, ansiedade, exaustão) que afetam o sujeito, e como esse sofrimento é subestimado por quem está no papel de representante dos interesses da empresa.

Marcelo relatou que, em seu trabalho, cada projeto novo que desenvolve é sempre diferente dos outros em que já trabalhou. Por mais conhecimento que possua, esse conhecimento nunca pode ser replicado, sendo que cada novo projeto exige sempre a aquisição de novos conceitos, o que, embora não tenha dito, soou causar-lhe a sensação de não permanecer muito tempo em sua zona de conforto, o que, supõe-se, é algo que lhe cause muita ansiedade e angústia. Soma-se a isso o fato de que, ao finalizar um projeto, já inicia outro logo em seguida. Trata-se, assim, de uma dinâmica que se repete, mas sem uma conclusão que dê o sentimento de “alma lavada”, o que é um ponto que aparece no discurso de Marcelo de forma repetida e que aparenta ser fonte de sofrimento e insatisfação em sua vida profissional, conforme é perceptível no trecho seguinte:

Então, segunda-feira eu já vou ter que ligar o notebook, e não sei o que eu vou encontrar (...) não sei o que vou fazer nem como eu vou fazer, mas já soube que lá também é bem complexo. (...) É sempre uma sensação péssima. Todo começo de projeto é assim, ele é estressante.

O discurso de descontentamento com o trabalho repetiu-se constantemente durante a entrevista, além das figuras de linguagem como “monstro”, “demônio” para descrever sua atividade, refletindo ser uma importante fonte de angústia na vida do entrevistado:

Eu hoje, eu não gosto do que eu faço. Você está feliz com seu trabalho? Não, não estou feliz, eu gostaria de fazer qualquer outra coisa, menos fazer o que eu faço (...). Você terminou de sair de um problema, você vai ter outro para resolver, se resolver esse problema, vai ter outro. Não (não dá a sensação de alma lavada), porque termina o projeto, começa outra onda (...) Não Tem Fim! Não tem vira chave! E quando vira a chave, quando você vai para outro projeto, é outro *monstro* que você nunca viu, que você não sabe como vai resolver, que você não sabe quem tá do lado de lá. Você não tem perspectiva de vida.

Além disso, aparecem aqui elementos importantes da análise que Han (2017) tece em *A sociedade do cansaço* a respeito do esgotamento e colapso psíquicos, ou Burnout. Para além da própria sensação de nunca se chegar a um fim, de não sentir a “alma lavada”, como ele manifesta, o reconhecimento por parte da empresa tampouco é percebido por Marcelo. Ainda que Marcelo repita, em diferentes momentos da entrevista, que não faz questão de reconhecimento ou “tapinha nas costas”, ele se incomoda, sim, quando a empresa de consultoria repassa o agradecimento dos clientes aos funcionários da consultoria, mas não cita o nome dele, fato relatado pelo menos duas vezes ao longo da entrevista, como exemplificado abaixo:

Eu nunca fui ligado muito ao reconhecimento, mas quando acontece, vamos dizer assim, o inverso, tipo, eu não espero nada, mas o cara parabeniza todo mundo menos você, aí eu fico p\*\*\*. Aí o pessoal fala... “Não, é porque você é terceiro (terceirizado)... Você não fazia parte (da empresa)”... Aí isso me incomoda.

O fato é que, para a empresa, Marcelo deixa de ser sujeito e é apenas um contrato, um recurso, que vai sendo alocado ininterruptamente nos diversos projetos da organização, conforme demanda, além de poder ser facilmente substituído por outro, tal como um objeto. No seu caso, mais do que no daqueles com quem atua e que possuem uma relação empregatícia com a empresa de consultoria, essa objetificação fica mais evidente, e é uma das consequências mais marcantes da flexibilização trabalhista, própria do neoliberalismo. O que seu discurso revela é que, além do pagamento pelas horas trabalhadas, ao final, a empresa não lhe deve mais nada, nem mesmo reconhecimento.

Durante a entrevista, Marcelo ainda citou a pressão devido aos altos valores envolvidos nos projetos, o excesso de cobrança e responsabilidades, a falta de comprometimento de outros colaboradores e os prazos como pontos de insatisfação com seu trabalho. Considera ganhar bem em termos financeiros e que um salário maior não iria mudar sua insatisfação ou o estresse que passa. Além disso, apontou que possui muitos compromissos financeiros, que é o que aparentemente o faz continuar atuando na área: “tenho um monte de compromisso financeiro para pagar... para terminar tudo, então, eu não quero nem pensar em outra coisa, eu estou focado em resolver meus problemas”.

Quando questionado a respeito do diagnóstico de Síndrome de Burnout informado no questionário, Marcelo relatou que não considerava o burnout resultante apenas das situações do trabalho, mas decorrente, também, de um conjunto de outros problemas que vinha enfrentando em sua vida pessoal, tais como a morte de seu avô, a tentativa de suicídio de uma de suas sobrinhas e problemas na reforma de seu apartamento. Como visto, de fato não se pode negar que lutos, traumas e outros estresses emocionais podem estar envolvidos em processos de adoecimento psíquico como a depressão, o que o participante também relatou sofrer. Entretanto, considera-se que essas situações podem ser potencializadas por um trabalho que não traz satisfação ou, nas próprias palavras de Marcelo, por falta de

“perspectiva de vida”. Assim, apesar dos traumas relatados por Marcelo em sua vida pessoal, as informações colhidas no questionário e durante a entrevista permitiram verificar que seu trabalho é, sim, fonte de grande sofrimento para ele.

### **Considerações Finais**

A bibliografia levantada e o material produzido a partir das entrevistas elucidaram processos e dinâmicas envolvidos na sociedade contemporânea atual que favorecem o adoecimento do sujeito. Foi possível verificar como o desejo e, particularmente, seus destinos e extravios, são configurados pelos princípios neoliberais e têm papel essencial no processo de adoecimento.

A pesquisa contou com o relato de três sujeitos em sofrimento psíquico. Todos consideravam possuir sintomas ou foram diagnosticados com depressão, além de outros transtornos como Burnout e TDAH. Os três faziam uso de medicamentos, sendo que apenas um deles encontrava-se, também, em processo psicoterápico. Informaram não serem felizes, por motivos relacionados principalmente ao trabalho, ou ao desejo de realizar outra atividade.

A pesquisa permitiu identificar, também, diferentes graus de adaptação dos entrevistados ao modo de vida e discurso neoliberal, assim como níveis de conscientização distintos sobre essa lógica e como seus processos de sofrimento estão relacionados a ela. Em um deles perceberam-se mais características de um sujeito tipicamente neoliberal, movido em maior medida pela mais-valia e pelas possibilidades de consumo ofertadas pelo mercado, pelo desejo de ser “empresário de si” e pela preferência por maiores ganhos financeiros em troca de benefícios trabalhistas como férias, por exemplo. Noutro, o fato de não se adequar tanto ao sistema, de ainda não possuir autonomia financeira e não alcançar o que, para o discurso neoliberal, considerava ser esperado e desejado para ele, lhe causava sofrimento, fazendo-o se auto recriminar e ter sentimentos de baixa autoestima. Em um terceiro participante, embora também mais consciente sobre a lógica de exploração do capitalismo neoliberal, observaram-se sinais de esgotamento devido a muitas demandas na vida profissional e pessoal. Considerava-se desatento, imputando o problema a uma característica própria, para a

qual recentemente começou tratamento medicamentoso, embora o esquecimento de seus compromissos pudesse ser facilmente relacionado à sobrecarga de demandas.

A demanda por produtividade, desempenho e rendimento toma conta da vida toda, leva ao esgotamento e exige do sujeito “atenção plena”. De acordo com o discurso médico-centrado, com o uso de medicamentos, como é o caso dos entrevistados, espera-se que sejam capazes de gerenciar melhor suas emoções e sofrimento, focar nos seus compromissos pessoais e profissionais, melhorar o desempenho no trabalho ou, ao menos, continuar capazes de produzir. A dinâmica retrata a ideia de gerenciamento do sofrimento psíquico pelo modelo neoliberal descrita por Safatle (2021), em que o adoecimento não é apenas produzido, mas gerido pelo neoliberalismo. Com isso, o problema é individualizado, passa a ser considerado um problema de adaptação, e não um problema advindo da racionalidade socioeconômica operante.

A pesquisa permitiu verificar, também, a centralidade do trabalho nos discursos dos entrevistados e, particularmente, como uma das principais fontes de sofrimento psíquico. Ao descreverem seus empregos, os participantes apontam situações que indicam como o trabalho tem sequestrado seu tempo fora do horário de expediente, além de ser fonte de muita ansiedade e insatisfação. Suas experiências profissionais são ilustrativas de como o modelo neoliberal molda as subjetividades para explorar e engajar o sujeito (Dardot & Laval, 2016; Safatle, 2021). Refletem também como o sujeito é envolvido em um processo de autoexploração que o leva ao esgotamento (Han, 2017).

Como visto, o trabalhador que acredita ser “empresário de si mesmo” segue desempenhando o papel de recurso, de capital humano, ou meio de produção da empresa capitalista, para a qual tornou-se ainda mais cômoda a extração de trabalho e lucros. Nisso, o discurso da flexibilização trabalhista e de supostos maiores ganhos ao trabalhador exercem papel preponderante. Ainda que pense ouvir apenas a si mesmo, o sujeito é levado a trabalhar

mais horas do que pelas quais é pago, devido a prazos pouco factíveis, com consequências diretas à sua saúde física e psíquica. Isso exprime bem o que Safatle (2023, p. 10) definiu por extração de “o máximo de cansaço com o mínimo risco jurídico, o máximo de engajamento no projeto com o mínimo de fidelização recíproca da empresa”.

É importante registrar que os relatos sobre como os processos de adoecimento se desenvolveram permitem constatar que não se tratou, apenas, de consequências de um modelo que visa o aumento da produtividade e lucro pela exploração do trabalhador, como já era próprio do capitalismo, houve também uma reconfiguração das subjetividades. Desejar ser produtivo, ser bem capacitado ou apresentar cada vez maior desempenho, que é o caso de ao menos dois dos entrevistados, é parte do um “trabalho de design psicológico” que faz com que o sujeito neoliberal internalize princípios empresariais de performance, e cuja falha em segui-los poderia significar uma “falta moral” na sociedade contemporânea (Safatle, 2021).

É pelo trabalho que se revela, também, o descontentamento com as escolhas feitas e com os destinos ou extravios do desejo. O que vemos, ao final, são sujeitos “movidos pela mais-valia” em busca do gozo prometido pelo consumismo ou pelo “ser” exibicionista (Almeida, 2002). No lugar do desejo que se extraviou, porque não se coaduna com a promessa de ganhos e gozos do neoliberalismo, fica a angústia.

É particularmente interessante notar como a questão do desejo apareceu nos discursos dos entrevistados, principalmente no de João, que, ao ver seu desejo de ser músico rechaçado pelos pais, criou outros desejos, de um sujeito mais adaptado ao contexto neoliberal. Mas sentia que recuar de seu sonho tinha tornado sua vida mais vazia. Como apontado, isso ilustra a discussão sobre o recuo do desejo pelo depressivo, e está em linha com o argumento de que o sujeito procura preencher a falta com o gozo de outro objeto, que o capitalismo sabe muito bem ofertar. Condiz também com o que Kehl (2009) aponta sobre a vida ser comandada pelo

Supereu, pela demanda do Outro, ao abrir mão do próprio desejo em troca de uma oferta imaginária de gozo que tem a angústia e o adoecimento como algumas das implicações.

Assim, para além dos sofrimentos mais explícitos causados pelo neoliberalismo, como o esgotamento e o sequestro do tempo do trabalhador, o discurso de João permitiu verificar como o adoecimento pode ocorrer pelo recuo do próprio desejo e pelo fato do sujeito não se adaptar ao sistema, o que concorre para diminuir sua autoestima.

Foi possível constatar, assim, o argumento de Kehl (2015), de que o depressivo se sente culpado por não corresponder aos ideais contemporâneos de felicidade. Chega, inclusive, a se incomodar diante da felicidade e sucesso exibido nas redes sociais pelo outro, por não ter “chegado lá”, ainda que isso não seja de fato o seu desejo inconsciente. Aqueles que falham em alcançar o sucesso, que não se adequam ao discurso, além de ser culpabilizados e marginalizados por sua condição, não deixam de se sentir culpados e deprimidos (Cambaúva & Silva Junior, 2005; Dardot & Laval, 2016; Safatle 2021; Kehl, 2009). Em uma das entrevistas, isso fica bem claro, quando o participante se autodenomina inútil e “vagabundo”, demonstrando ter sua autoestima bastante rebaixada.

Considerando-se a depressão como o sintoma social da contemporaneidade, ela é um sinalizador do mal-estar no seio do neoliberalismo (Kehl, 2009), aquela que traz o alerta de que algo não funciona bem nesse sistema. E talvez por isso seja tão execrada, ao mesmo tempo que a felicidade tão perseguida e a tristeza tão malvista. Em seu conjunto, as entrevistas revelaram como os sujeitos podem se posicionar diferentemente em relação a essa forma de vida e a seu discurso empresarial. Não obstante, todos têm suas vidas moldadas para funcionar a favor do modelo, ainda que tenham que se “adaptar”, em geral, com o uso de medicamentos que os tornem mais atentos, mais produtivos e menos tristes.

Ao permitir uma maior compreensão sobre como a incorporação de valores neoliberais ao modo de vida contemporâneo guarda relação com o aumento de adoecimentos

ligados, por um lado, à busca por melhor desempenho e maior produtividade, e por outro, pelo recuo do desejo, esta pesquisa traz implicações, também, para o campo da Psicologia e, particularmente, para a Psicanálise. Por um lado, porque, embora o neoliberalismo não crie a depressão e outros transtornos, o modelo promove as condições para que esses se desenvolvam, e sabê-las é uma das premissas para que o problema deixe de ser individualizado e o sujeito culpabilizado por sua condição, ofertando unicamente a via medicamentosa como tratamento possível. Como aponta Safatle (2021, p. 13), “a interpretação do sofrimento, imputando-lhe causalidade interna ou externa, é capaz de mudar a própria experiência do sofrimento”. Por outro lado, como propõe Kehl (2021), através do tratamento psicanalítico, é possível que se promova ao sujeito, entre outros benefícios, um maior saber de seu desejo inconsciente, para poder reavê-lo ou dar a ele outros sentidos.

Assim, considerando as limitações da presente monografia, principalmente relacionadas à discussão teórica sobre as dinâmicas envolvidas na formação e renúncia do desejo, futuros trabalhos com um maior aprofundamento nesse campo poderiam jogar mais luz no papel da Psicanálise e em como a clínica psicanalítica pode se constituir um espaço de reflexão, reposicionamento, emancipação e tratamento do sujeito na atualidade.

## Referências

- Almeida, C. P. (2002). Depressão: doença do discurso. Em Quinet, A. (Org.). *Extravios do Desejo: depressão e melancolia* (pp. 119-121). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- American Psychiatric Association - APA (2014). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Anderson, P. (1995). Balanço do Neoliberalismo. Em E. Sader & P. Gentili (Orgs.), *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático* (pp. 9-23). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Birman, J. (2021). *Mal-estar na atualidade: A Psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- Cambaúva, L. G., Silva Junior, M.C. (2005). Depressão e Neoliberalismo: Constituição da Saúde Mental na Atualidade. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v. 25 (4), 525-535.  
Retirado de < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932005000400003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000400003)>
- Corbanezi, E. (2018). Transtornos Depressivos e Capitalismo Contemporâneo. Caderno CRH, v. 31, n. 83, p. 335-353. Retirado de <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/rkPjhVzHdwQ5Rp4WwcPv7x/?format=pdf>>
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.
- Dunker, C. (2021). Uma Biografia da Depressão. São Paulo: Planeta.
- Fechine, A. K., F. S, Rocha, M. M. S, & Cunha, T. H. (2014). O Neoliberalismo e a formatação das políticas sociais: desafios contemporâneos. *Socializando*, ano 1, v. 2, 50-63. Retirado de < [https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2015/11/Socializando\\_20142\\_4.pdf](https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2015/11/Socializando_20142_4.pdf)>

- Ferreira, M. C. L. (2005). Linguagem, Ideologia e Psicanálise. In: *Estudos da Língua(gem)*, n. 1: p. 69-75.
- Franco, F., Castro, J. C. L., Manzi, R., Safatle, V., Afshar, Y. (2021). O Sujeito e a Ordem do Mercado: gênese teórica do neoliberalismo. Em Safatle, V., Silva Jr. e Dunker, C. (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (pp. 47-75). São Paulo: Autêntica.
- Freud, S. (2010). O Mal-estar na Civilização, em *O Mal-estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos (1930-1936)*, volume 18, São Paulo: Companhia das Letras (Obra original publicada em 1930).
- Freud, S. (2015). A Moral Sexual “Cultural” e o Nervosismo Moderno em *Obras Completas*, volume 8, 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras (Obra original publicada em 1908).
- Gregolin, M. R. V. (1995). A Análise do Discurso: Conceitos e Aplicações. In: *Alfa: Revista de Linguística*, n. 39: p. 13-21.
- Han, B.C. (2017). *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes.
- Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.
- Orlandi, E. P. (2015). *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Rio de Janeiro: Pontes.
- Périco & Sterza Justo (2011). O mal estar no trabalho: a culpa como mal estar e a culpa do mal estar. In: *Revista Mal estar e Subjetividade*, XI (1): p. 135-169.
- Quinet, A. (2002). *Extravios do Desejo: depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Safatle, V. (2021). A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. Em Safatle, V., Silva Jr. e Dunker,

- C. (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (pp. 17-46). São Paulo: Autêntica.
- Safatle, V., Silva Jr. e Dunker, C. (2021). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo: Autêntica.
- Sampieri, R.H., Collado, C. F., Lucio, M. P. B. (2013). *Metodología de Pesquisa*. Porto Alegre: Penso.
- Stake, R. (2010). *Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso
- World Health Organization – WHO (2013). Mental Health Action Plan 2013 - 2020. Retirado de <<https://www.who.int/publications/i/item/9789241506021>>
- World Health Organization – WHO (2017). Depression and Other Common Disorders – Global Health Estimates. Retirado de <  
<https://www.who.int/publications/i/item/depression-global-health-estimates>>
- World Health Organization – WHO (2022). World Mental Health Report: Transforming mental health for all. Retirado de  
<<https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>>

## **Anexos**

### **Anexo A**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**  
**A lógica neoliberal, a constituição do desejo e o adoecimento psíquico**  
**Instituição dos pesquisadores: CEUB**  
**Pesquisador(a) responsável : Livia Campos**  
**Pesquisadora assistente: Fabiana Cardoso Martins de Souza**

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

#### **Natureza e objetivos do estudo**

- O objetivo específico deste estudo é investigar os impactos do modelo neoliberal nos processos de subjetivação, nos destinos e constituição do desejo, e no sofrimento psíquico dos sujeitos na atualidade..
- Você está sendo convidado a participar exatamente por ser maior de 18 anos e ter concordado em participar da segunda fase da pesquisa.

#### **Procedimentos do estudo**

- Sua participação consiste em responder algumas perguntas sobre a pesquisa.
- O procedimento será gravado.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada nas dependências do CEUB.

#### **Riscos e benefícios**

- Este estudo possui baixos riscos físicos e psicológicos, pois não envolve a apresentação de estímulos aversivos e nem a interação com atividades potencialmente danosas. Ainda assim, medidas preventivas serão tomadas durante a condução do estudo para minimizar qualquer tipo de incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir para o maior conhecimento sobre os impactos do modelo neoliberal de produtividade nos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico do trabalhador.

#### **Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.

- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

### **Confidencialidade**

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados (questionários e entrevistas) ficarão guardados sob a responsabilidade da pesquisadora **Fabiana Cardoso Martins de Souza** com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Participante

\_\_\_\_\_  
Fabiana Cardoso Martins de Souza (pesquisadora) (61) 99537-1818

### **Endereço dos(as) responsável(is) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):**

Instituição:

Endereço:

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade:

Telefones p/contato:

### **Endereço do(a) participante (a)**

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

**Observações em relação às pesquisas com metodologias experimentais na área biomédica, envolvendo seres humanos**

O TCLE deve incluir:

- a) a explicitação, quando pertinente, dos métodos terapêuticos alternativos existentes;
- b) o esclarecimento, quando pertinente, sobre a possibilidade de inclusão do participante em grupo controle ou placebo, explicitando, claramente, o significado dessa possibilidade.

O TCLE não pode exigir do participante da pesquisa, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido não deve conter ressalva que afaste essa responsabilidade ou que implique ao participante da pesquisa abrir mão de seus direitos, incluindo o direito de procurar obter indenização por danos eventuais.

**Contato de urgência:** Sr(a).

Domicílio: (rua, praça, conjunto)

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

**Anexo B****Formulário da pesquisa preliminar para identificação de participante(s) da entrevista  
(Google Forms)**

seu

**Seção 1 e 2 - Apresentação da pesquisa, TCLE****Seção 3 - Dados Sociodemográficos****Faixa etária**

- de 18 a 25 anos
- de 26 a 30 anos
- de 31 a 40 anos
- de 41 a 50 anos
- de 51 a 65 anos
- 66 anos ou mais
- Prefiro não informar

**Sexo**

- Masculino
- Feminino
- Prefiro não informar

**Nível de instrução**

- Sem instrução
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo e Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo e Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós-Graduação
- Prefiro não informar

**Carga horária semanal (trabalho, estudo ou ambos)**

- Até 10h
- Até 20h
- Até 30h
- Até 40h
- Até 50h
- Acima de 50h

**Renda familiar**

- Até R\$ 2.424,00
- R\$ 2.424,01 a R\$ 4.848,00
- R\$ 4.848,01 a R\$ 12.120,00
- R\$ 12.120,01 a R\$ 24.240,00
- R\$ 24.240,01 ou mais
- prefiro não informar

**Seção 4 - Saúde mental****1 - Você se considera uma pessoa feliz?**

- sim
- não

**Por quê?** \_\_\_\_\_ (resposta curta)

**2 - Você se sente ou se sentiu triste com frequência nos últimos meses?**

- sim
- não

Se sim, poderia apresentar os principais motivos? \_\_\_\_\_ (resposta curta)

**3 - Você se sente ou se sentiu desanimado ou sem esperanças, com frequência, nos últimos meses?**

- sim
- não

Se sim, por quê? \_\_\_\_\_ (resposta curta)

**4 - Até que ponto você se considera uma pessoa satisfeita com sua vida?**

Inserir Escala de Lickert

**5 - Você tem bom sono?**

- sim
- não

Se não, o que tira o seu sono? \_\_\_\_\_ (resposta curta)

**6 - Você se sente cansado com frequência?**

- sim
- não

Se sim, a que se deve o seu cansaço? \_\_\_\_\_ (resposta curta)

**7 - Você tem ou já teve algum diagnóstico relacionado à saúde mental? ou acredita ter algum sintoma que possa estar relacionado à depressão ou ansiedade?**

- sim
- não

Se você respondeu sim à questão anterior, poderia informar qual foi o diagnóstico? \_\_\_\_\_ (resposta curta)

**8 - Acredita ter algum sintoma que possa estar relacionado à depressão ou ansiedade?**

- sim
- não

Se você respondeu sim, poderia informar qual o sintoma? \_\_\_\_\_ (resposta curta)

## Anexo C

### **Roteiro da Entrevista Semi-estruturada a ser aplicada ao participante da primeira etapa que indicou ter sintomas/diagnóstico de depressão ou outro transtorno de saúde mental**

**1 - Você informou na primeira etapa desta pesquisa que não se considera uma pessoa feliz. Poderia falar um pouco mais como se sente e porque não se considera feliz?**

Abordar: o que entende por felicidade

**2 - Você tem desejos? Se sim, poderia falar um pouco sobre eles?**

**3 - O que te motiva em sua vida?**

**4 - Para você, o que é ser uma pessoa bem sucedida?**

Abordar: referências de pessoas que considera bem sucedidas

**5 - Você tem o hábito de postar ou já postou alguma publicação em redes sociais (instagram, linkedin ou alguma outra rede social)? Qual costuma ser o conteúdo dessas postagens? Posta sobre conquistas relacionadas a sua vida, ao seu trabalho ou à vida acadêmica?**

**6 - Como você se sente quando amigos ou pessoas conhecidas que você segue nas redes sociais postam o que parece ser uma vida feliz ou bem sucedida?**

**7 - Me fale um pouco sobre os sintomas/diagnóstico relatados no questionário da primeira etapa da pesquisa.**

Abordar: se toma ou já tomou medicamentos para depressão/ansiedade; se faz ou já fez psicoterapia.

**8 - Poderia falar um pouco sobre como você avalia, atualmente, sua auto-estima?**

Abordar: se já foi maior ou menor; se quando criança era segura/ com auto-estima elevada, ou se era mais insegura; relacionar com comportamento durante período escolar (se era mais preocupado com tirar notas altas/pressão dos pais/competição com colegas)

**9 - Como você avalia suas relações afetivas? Família, amigos, outras relações?**

**10 - Como você avalia sua relação com o trabalho (ou vida acadêmica)?**

Abordar: grau de prioridade na vida do participante/relação saudável/ou se é workaholic

**Anexo D**  
**Formulário da pesquisa “A Lógica Neoliberal e suas Implicações no Campo do Trabalho”**

**Seção 1 e 2 - Apresentação da pesquisa, TCLE**

**Seção 3 - Dados Sociodemográficos**

**Faixa etária**

- de 15 a 20 anos
- de 21 a 25 anos
- de 26 a 30 anos
- de 31 a 40 anos
- de 41 a 50 anos
- de 51 a 65 anos
- 66 anos ou mais
- Prefiro não informar

**Sexo**

- Masculino
- Feminino
- Prefiro não informar

**Nível de instrução**

- Sem instrução
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo e Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo e Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós-Graduação
- Prefiro não informar

**Carga horária semanal**

- Até 10h
- Até 20h
- Até 30h
- Até 40h
- Até 50h
- Acima de 50h

**Renda familiar**

- Até R\$ 2.424,00
- R\$ 2.424,01 a R\$ 4.848,00
- R\$ 4.848,01 a R\$ 12.120,00
- R\$ 12.120,01 a R\$ 24.240,00
- R\$ 24.240,01 ou mais
- prefiro não informar

**Seção 4 - Informações complementares. As perguntas a seguir dizem respeito à sua relação com seu trabalho.**

**Selecione a natureza de sua ocupação:**

- Empregado de empresa do setor privado, exceto instituições financeiras
- Empregado de instituições financeiras públicas e privadas

- Empregado ou contratado de organismo internacional ou de organização não-governamental
- Profissional liberal ou autônomo sem vínculo de emprego
- Proprietário de empresa ou de firma individual ou empregador-titular
- Servidor público
- Empregado de empresa pública ou economia mista
- Militar
- Aposentado, militar da reserva ou reformado
- Bolsista
- outros

**Como você classifica o nível de satisfação com o seu trabalho atual?**

- Muito satisfeito(a)
- Satisfeito(a)
- Pouco satisfeito(a)
- Indiferente
- Insatisfeito(a)
- Muito insatisfeito(a)

**Selecione as condições físicas, abaixo, que se aplicam a você e podem ser derivadas de seu contexto de trabalho.**

**(Obs.: é possível selecionar mais de uma opção)**

- Fadiga constante
- Distúrbios do sono
- Dores musculares e osteomusculares
- Cefaléias, enxaquecas
- Perturbações gastrointestinais
- Imunodeficiência
- Transtornos cardiovasculares
- Distúrbios do sistema respiratório (Ex: dificuldade de respirar)
- Disfunções sexuais
- Alterações menstruais em mulheres
- Nenhuma condição a relatar
- outros

**Selecione as condições psíquicas, abaixo, que se aplicam a você e podem ser derivadas de seu contexto de trabalho.**

**(Obs.: é possível selecionar mais de uma opção)**

- Falta de atenção, de concentração
- Alterações de memória
- Lentificação do pensamento
- Sentimento de alienação
- Sentimento de solidão
- Impaciência
- Sentimento de insuficiência
- Baixa auto-estima
- Instabilidade emocional
- Dificuldade de auto-aceitação
- Desânimo, depressão

- Desconfiança, paranóia
- Ansiedade
- Nenhuma condição a relatar
- outros

**Selecione as condições comportamentais, abaixo, que se aplicam a você e podem ser derivadas de seu contexto de trabalho.**

**(Obs.: é possível selecionar mais de uma opção)**

- Negligência ou excesso de escrúpulos
- Irritabilidade
- Aumento da agressividade
- Incapacidade de relaxar
- Dificuldade na aceitação de mudanças
- Perda de iniciativa
- Aumento do consumo de substâncias
- Comportamento de alto risco
- Ideação suicida
- Tendência ao isolamento
- Sentimento de onipotência
- Perda do interesse pelo trabalho
- Absenteísmo
- Nenhuma condição a relatar
- outros

**Você tem ou já teve algum diagnóstico relacionado à saúde mental?**

- sim
- não

**Se você respondeu sim à questão anterior, poderia informar qual?**

**Seção 5 - Observe as imagens abaixo. Ao final, relate a sua opinião pessoal.**

**Obs.: lembre-se de que não há respostas certas ou incorretas, queremos saber sua opinião.**





**Qual é a sua opinião sobre as imagens acima?**

---

---

**Seção 6 - Você autoriza que a equipe pesquisadora entre em contato com você sobre a segunda etapa dessa pesquisa, na qual serão aprofundadas algumas questões deste formulário?**

- sim
- não

## Anexo E

### **Roteiro da Entrevista Semi-estruturada aplicada ao participante da pesquisa “A Lógica Neoliberal e suas Implicações no Campo do Trabalho”**

**1 - Você respondeu na pesquisa que trabalha em uma empresa privada, por até 50 horas/semana. Poderia descrever um pouco mais seu trabalho e sua rotina?**

- Nessa questão procurar abordar também: o que pensa do número de horas trabalhadas (se muito/pouco/o que seria ideal); se faz horas extras; se trabalha fora do expediente, fins de semana; como é o controle do trabalho (se por hora/por entrega)

**2 - Como você avalia sua relação com o trabalho?**

- Abordar: grau de prioridade na vida do participante/relação saudável/ou se é workaholic

**3 - Você informou que está muito (in)satisfeito com seu trabalho atual. Poderia me dar mais informações sobre o que te traz (in)satisfação no trabalho? Na sua opinião, a que se deve a (in)satisfação que você sente?**

- Abordar: se o que traz mais satisfação está relacionado a salário/benefícios, ambiente de trabalho, desafios, estabilidade, função exercida, reconhecimento, i.e., o que motiva a pessoa. Levantar também se exerce cargo de chefia, se possui **autonomia**;

**4 - Como avalia sua produtividade no trabalho atualmente?**

- Abordar: se considera que é produtivo, ou se acha que poderia ser mais produtivo do que é. Se pensa já ter sido mais produtivo no passado, nesse mesmo emprego ou em outro, e a que se deve a eventual diminuição. Levantar o que ajuda ou atrapalha em sua produtividade. Tentar levantar usando outras referências/comparações (se considera que algum colega é muito mais ou muito menos produtivo?). Levantar se vê relação entre a busca por aumento da produtividade e sintomas relatados.

**5 - Você considera que seu trabalho e esforços são reconhecidos por seus colegas/chefia/familiares?**

- Abordar: Se sim, isso te faz sentir mais satisfação no trabalho? Se não, como isso tem impacto sobre você e sua relação com o trabalho? Você vê relação entre a busca por reconhecimento, ou a verificação da falta dele, e algum dos sintomas relatados?

**6 - Você tem o hábito de postar ou já postou alguma publicação em redes sociais (linkedin ou alguma outra rede social) sobre conquistas relacionadas ao seu trabalho ou à vida acadêmica?**

**7 - Me fala um pouquinho sobre os sintomas relatados no questionário da pesquisa.**

- Abordar: como você relaciona eles com seu trabalho

**8 - Poderia falar um pouco sobre como você avalia, atualmente, sua auto-estima?**

- Abordar: se já foi maior ou menor; se quando criança era segura/ com auto-estima elevada, ou se era mais insegura; relacionar com comportamento durante período escolar (se era mais preocupado com tirar notas altas/pressão dos pais/competição com colegas)